

*Quanto da sua vida você conta
para a sua mãe?*

Reconstruindo Amelia

Kimberly McCreight

*Você realmente sabe o que
se passa na cabeça da sua filha?*



ARQUEIRO



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

PARA TONY, MEU NORTE

MAIS UMA VEZ VAMOS FINGIR QUE A VIDA É UMA SUBSTÂNCIA SÓLIDA, COM A FORMA DE UM GLOBO, QUE GIRAMOS ENTRE Nossos DEDOS. VAMOS FINGIR QUE SOMOS CAPAZES DE ESCREVER UMA HISTÓRIA SIMPLES E LÓGICA...

— VIRGINIA WOOLF, *As ondas*

GrAcloSaMENTE

5 DE SETEMBRO

Há muitas definições para a palavra *idiota* no dicionário. Não seja mais uma.

E aí, galera?!

Ah, mais um ano letivo se inicia. E eu estou de volta com todos os lances impublicáveis...

Bom, enquanto vocês passavam o verão em Southampton, em Nantucket ou no sul da França, aperfeiçoando o jogo de tênis ou o pas de deux, treinando para sua primeira maratona ou se deleitando com seu último torneio de xadrez, fiquei monitorando as idas e vindas do nosso querido corpo docente. O Sr. Zaritski foi para a Universidade de Berkeley dar um curso intensivo de ciências para garotos loucamente inteligentes. Dizem as más línguas que os pais pediram sua demissão na segunda semana porque ele FEDIA. A Sra. Pearl arranhou um latino caliente e aprendeu pole dance em Miami. Brincadeira. Ela não arranhou um amante, é claro. Quem é que iria querer dormir com ela?

Ah, o delicioso Sr. Woodhouse! Quem não gostaria de vê-lo de sunga em algum lugar? Mas, puxa, não se sabe por onde ele andou nestes meses quentes e úmidos, embora eu tenha ouvido de fonte confiável que ele passou pelo menos um fim de semana prolongado aconchegado com a nossa querida professora de inglês, Liv. Show!

Quanto a todos vocês, vou fazer um apanhado geral do verão quando souber das novidades nos próximos dias – não deixem de enviá-las para graciosamenteblog@gmail.com. Pois aqui estamos, mais um ano em que todos os idiotas finalmente têm a oportunidade de virarem populares e os gordos, de ficar sarados.

E as mesmas perguntas de sempre: quando é que a queridinha da Dylan vai abrir o jogo e dizer com quem está transando? Será que a Heather e a Rachel

algum dia vão admitir que dormem juntas? A Zadie vai conseguir ficar fora da cadeia até se formar? Que veterana o nosso charmoso calouro Carter vai pegar primeiro? E quem é esse tal de Ian Greene? Será que ele é gostoso como parece nas fotos do livro de alunos? Minha bola de cristal diz que isso parece ser duvidoso. Mas vocês serão os primeiros a saber.

Enquanto isso, caprichem nos novos casos e nos sorrisos. E apertem os cintos, porque vai ser uma viagem e tanto...

Amelia

14 DE SETEMBRO, 7H37

AMELIA

quando vc soube?

BEN

soube o quê?

AMELIA

que vc gostava de meninos?

BEN

não sei, acho que sempre

AMELIA

fala sério

BEN

é verdade, sério

AMELIA

e aí vc contou pra todo mundo e pronto

BEN

é, praticamente; e daí o que os outros pensam?

AMELIA

não consigo imaginar ter tanta certeza sobre alguma coisa.
nem tanta coragem

BEN

talvez vc se surpreenda

AMELIA

q nada

BEN

vc é mais forte do que pensa

AMELIA

vlw. o que eu faria sem vc pra me animar?

BEN

morreria? gosto de pensar que vidas dependem de mim

AMELIA

ha ha. quando a gente vai se falar de verdade?

BEN

isto não é de verdade?

AMELIA

vc sabe o que eu quero dizer

BEN

talvez eu vá pra NY em algumas semanas; meu pai tem uma viagem de trabalho

AMELIA

e a gente vai se ver?

BEN

com ctz

AMELIA

NOSSA! sério? estou contando os dias!!!

Kate

24 DE OUTUBRO

Kate sabia que Victor não estava satisfeito, mesmo antes de levantar o olhar das anotações e ver a raiva dominar o rosto dele como uma nuvem carregada. A sala estava em silêncio. Todos – cinco advogados da Slone & Thayer e dez do Banco Mútuo Associado – esperavam que ele dissesse alguma coisa. Contudo, Victor limitou-se a se inclinar para trás na cadeira da sala de reuniões, com as mãos delicadamente repousadas no colo. Com cabelos grisalhos e terno impecável, sua aparência era bela e digna, apesar de seu claro descontentamento.

Em meio ao silêncio desconfortável, o estômago de Kate roncou. Ela pigarreou e se ajeitou na cadeira, torcendo para que ninguém tivesse ouvido. Pela manhã, estivera nervosa demais para comer. Tinha esta reunião, mas havia também a discussão com Amelia para a qual ela viera se preparando. A discussão que não chegara a acontecer. Amelia havia saído para a escola com um sorriso e um aceno alegre, deixando Kate com pouco tempo para chegar ao trabalho e com excesso de adrenalina acumulada.

Kate lançou um olhar desejoso para a infinidade de pães, frutas e doces dispostos na bancada lateral da sala de reuniões. Porém, quando você está coordenando uma reunião com um cliente no lugar de Jeremy Firth, o admirado diretor de contencioso da Slone & Thayer, não se levanta no meio para fazer um lanchinho.

– Você percebe – disse Victor, apontando para Kate – que cumprir esta intimação irá anular quaisquer objeções futuras, não é?

– Eu entendo sua frustração, Victor – começou Kate, com voz calma. – Mas a Comissão de Valores Mobiliários está no direito de...

– Está no direito? – Victor disparou. – Isto está mais para supercompensação.

Kate sustentou o olhar de Victor, que ganhara um toque de agressividade. Um vacilo agora, por menor que fosse, seria fatal. Victor certamente exigiria falar com Jeremy e, embora Kate fosse sócia, ainda era júnior. Ela precisava lidar com este problema sozinha.

– E a questão do mérito? Será que não...

Antes que Victor concluísse o raciocínio, o telefone da sala de reuniões tocou, dando um susto em todos. Rebecca, a associada júnior, se apressou em atendê-lo enquanto Victor voltava a falar com Kate.

– Eu quero que nossas objeções constem do relatório oficial e quero um orçamento para esta confusão toda antes que qualquer um abra uma caixa de documentos. Faça isso e você vai conseguir uma coleção de documentos. Combinado?

Como se Kate fosse embolsar um centavo do que a empresa receberia a mais! Na verdade, nada disso lhe traria benefício algum além do apreço de Jeremy. O que não era insignificante, claro. Ser um de seus discípulos preferidos importava, e muito.

– Certamente, Victor – Kate concordou. – Sem dúvida vamos fazer o melhor para...

– Com licença, Kate – disse uma voz ao seu ouvido. Quando Kate ergueu o olhar, Rebecca parecia estar petrificada pela interrupção. – Desculpe, mas é sua secretária ao telefone. Diz que há uma ligação que você precisa atender.

Kate sentiu o rosto corar. Atender a um telefonema no meio de uma reunião com Victor Starke era muito pior do que pegar um pãozinho. A secretária de Kate, Beatrice, jamais interromperia uma reunião como esta, mas ela estava doente. Kate pedira à substituta que não a interrompesse, a menos que fosse uma grande emergência, mas a garota tinha um olhar tão inexpressivo que Kate se convenceu de que estava bêbada. Infelizmente, recusar-se a atender à chamada também não era uma opção. Kate estava esperando a resposta de um escrivão sobre seu pedido de uma ordem judicial para proteger outro cliente.

– Com licença um instante – disse Kate, tentando fazer parecer que a interrupção era esperada. – É só um segundo.

A sala ficou em silêncio quando ela se dirigiu ao telefone. Sentia que todos olhavam para ela. Por sorte, quando apertou o botão para puxar a chamada, a conversa atrás dela voltou a engrenar. Os obedientes associados de Victor riram, provavelmente de alguma de suas piadas.

– Aqui é Kate Baron.

– Sra. Baron – disse a mulher do outro lado da linha –, aqui é a Sra. Pearl, coordenadora de Grace Hall.

Uma ligação que ela precisava atender. Como é que nem pensou na filha? O coração de Kate disparou.

– Amelia está bem?

– Sim, ela está bem – disse a Sra. Pearl, com um toque de irritação na voz. – Mas houve um incidente. Amelia recebeu uma suspensão de três dias, com efeito imediato. A senhora precisa vir aqui, assinar um formulário de consentimento e levá-la para casa.

– Suspensão? Como assim?

Amelia nunca causara problema na vida. Os professores se referiam a ela como um primor – inteligente, criativa, prestativa, concentrada. Era ótima atleta e se envolvia em todas as atividades extracurriculares possíveis. Trabalhava uma vez por mês como voluntária num sopão para pessoas carentes e ajudava regularmente em eventos escolares. Suspensa da escola? Não. Não Amelia. Apesar do excesso de trabalho, ela conhecia a filha. Conhecia-a *de verdade*. Só podia ser um engano.

– Isso mesmo. Amelia foi suspensa por três dias – a Sra. Pearl repetiu, como se isso respondesse à pergunta de Kate. – Por motivos óbvios, só podemos liberá-la sob a guarda de um dos pais ou um responsável. Será que a senhora pode vir buscá-la? Sabemos que trabalha em Manhattan e que o pai de Amelia não está disponível, mas, infelizmente, são regras da escola.

Kate tentou não se pôr na defensiva. Nem tinha certeza se o que detectava na voz da Sra. Pearl era uma crítica. Mas já tivera sua dose de perguntas incômodas, olhares indagadores e reprovações disfarçadas ao longo dos anos. Até seus pais ainda pareciam considerar sua decisão de levar a termo a gravidez não planejada quando estava na faculdade de Direito como uma forma especialmente depravada de insanidade criminal. Não havia dúvida de que era uma decisão inusitada de sua parte. A vida inteira, Kate sempre fizera a coisa certa no momento certo, ao menos em todos os aspectos que não envolvessem homens. Na verdade, com relação aos homens, as avaliações de Kate sempre falharam. Contudo, ficar com a criança não fora uma decisão leviana, nem da qual se arrependesse.

– Vou agora mesmo. Mas poderia ao menos me dizer o que ela... – Kate fez uma pausa, pois a advogada dentro dela de repente percebeu que devia escolher as palavras com cuidado. Não estava disposta a admitir a culpa da filha. – Do que exatamente Amelia está sendo acusada?

– Infelizmente, questões disciplinares não podem ser discutidas por telefone – disse a Sra. Pearl. – Há normas de confidencialidade, procedimentos-padrão. Sei que a senhora compreende. O diretor geral, Sr. Woodhouse, lhe dará mais detalhes aqui. Aliás, em quanto tempo chegará?

Kate olhou o relógio.

– Estarei aí em vinte minutos.

– Se vinte minutos é o melhor que pode fazer... – disse a Sra. Pearl, dando a impressão de que sua vontade era dizer algo bem menos tolerante. – Acho que tudo bem.

Vinte minutos tinham sido de um otimismo descomunal. Victor se opôs categoricamente quando Kate tentou encerrar a reunião mais cedo. No fim, não lhe restara alternativa a não ser chamar Jeremy.

– Detesto fazer isto – ela lhe disse no corredor, fora da sala de reuniões. E detestava ter que sair. Era algo que Daniel, seu ex-colega de faculdade e agora também sócio júnior e ultracompetitivo, que não tinha filhos e estava divorciado havia muito tempo, jamais faria, nem que estivesse com uma hemorragia interna. – Mas ligaram da escola da Amelia e eu preciso ir buscá-la.

– Sem problema. Aliás, você acaba de me salvar de um encontro com a Vera e os pedreiros no apartamento novo. Prefiro uma reunião com Átila, o huno, a uma conversa sobre vigas e colunas – disse Jeremy, com um de seus sorrisos característicos.

Passou a mão pelos cabelos prematuramente grisalhos. Era alto e bonito e, como sempre, estava elegante, usando uma camisa rosa listrada.

– Está tudo bem?

– Não sei – respondeu Kate. – Parece que a Amelia se meteu em alguma confusão, o que não faz sentido. Ela não é de criar problemas.

– A Amelia? Acho improvável, mas talvez minha opinião seja parcial, afinal, acabo de listar todas as qualidades dela naquela recomendação para o programa de verão em Princeton. – Jeremy pôs a mão brevemente no ombro de Kate e sorriu de novo. – Conheço bem essas escolas particulares. Primeiro condenam, depois fazem perguntas. O que quer que tenha havido, com certeza há uma explicação razoável.

Isso bastou para Kate se sentir um pouco melhor. Esse era Jeremy, sempre com o comentário de apoio perfeito. E parecia sincero, até mesmo para Kate, que não devia cair nessa.

– O Victor não está contente – ela avisou, indicando a porta fechada da sala de reuniões. – Sinto que estou lançando você aos lobos.

– Não se preocupe – Jeremy gesticulou como se aquilo não tivesse importância.

Ele era capaz de trabalhar até de madrugada, entrar no tribunal com um caso perdido e confrontar um adversário agitado e um cliente insatisfeito ao mesmo tempo, sem jamais perder o ar de “somos todos amigos”.

– Eu cuido de Victor Starke. Você vai cuidar da Amelia.

Kate optou pelo metrô para evitar o trânsito da cidade, mas já estava 45 minutos atrasada quando o trem número 2 freou abruptamente logo antes da rua Nevins. Seriam 50, 55 minutos de atraso quando chegasse a Grace Hall. Isso com *sorte*. Sem dúvida a escola veria isso como uma falha na criação de Amelia. Mãe irresponsável, filha problemática. Era uma relação bem direta.

Quanto mais Kate pensava no assunto, mais se convencida de que, fosse qual fosse a acusação contra Amelia, devia ser algo ruim. Grace Hall se orgulhava de ser liberal, mente aberta, dedicada aos estudantes. Fundada havia 200 anos por um grupo de intelectuais da cidade de Nova York – dramaturgos, artistas e políticos –, a escola era reverenciada pela excelência acadêmica e pelo programa artístico incomparável. Embora fosse considerada parte da antiga vanguarda das escolas particulares de Manhattan – Dalton, Collegiate, Trinity –, Grace Hall ficava no Brooklyn, o que lhe conferia um pedigree mais boêmio. Sendo assim, a escola deixava de lado os livros-texto e as provas padronizadas em favor do aprendizado experimental. Tendo em vista essa informalidade, Kate não conseguia imaginar o que um aluno teria que fazer para ser suspenso.

De repente, o trem deu um assovio e avançou alguns metros, antes de voltar a parar. Kate olhou o relógio. Uma hora e cinco minutos de atraso, pelo menos. Ainda faltavam quatro estações. *Inferno*. Ela vivia atrasada, para tudo. Ficou de pé e foi para perto da porta do metrô, cada vez mais cheia de dúvidas.

Recentemente, Amelia andava distraída, até mesmo um pouco temperamental. Tinha 15 anos e a mudança de humor fazia parte da adolescência, mas parecia ser mais do que isso. Por exemplo, dera para perguntar sobre o pai. Pelo visto, a explicação pronta de Kate – que, após um breve encontro, ele fora dar aula para crianças em Gana e nunca voltara – não se sustentava mais. Na manhã do dia anterior, Amelia também viera com o pedido absurdo de passar um semestre fora do país.

– Mãe, você não pode ficar e me ouvir só *um* minuto?

Amelia estava de braços cruzados, inclinada sobre a bancada da cozinha

da casa estreita e antiga. Com os cabelos louros compridos caindo em ondas sobre os ombros e aqueles olhos milagrosos – um azul e um cor de mel – cintilando ao calor da luz da manhã, ela parecia muito mais velha e mais alta do que na véspera. Tinha puxado a Kate, com o rosto em forma de coração e malares altos, e era uma menina linda. E agora também se mostrava sexy, de jeans de cintura baixa e top justo. Felizmente, ainda era meio moleca.

– Sim, Amelia, posso ouvir um minuto – Kate respondera, tentando não perder a paciência.

A julgar pelo olhar amargo da filha, a viagem para as Bermudas no feriado de Ação de Graças que Kate sugerira tinha sido como oferecer um fim de semana no dentista.

– Eu estou sempre aqui para ouvir – disse ela.

– Eu quero passar o próximo semestre em Paris – falou Amelia.

– Paris? – Kate enfiou o laptop e um punhado de arquivos na bolsa e começou a procurar o celular, que achava ter deixado sobre a bancada. Passou a mão nos cabelos enquanto Amelia a encarava. Ainda estavam molhados, mas ela podia jurar que os havia secado. – Um *semestre* inteiro? Paris fica tão longe...

Apesar de seus esforços, Kate estava se irritando. Era difícil não achar que Amelia insistia de propósito em ter esta conversa quando sabia que a mãe estava atrasada. Às vezes, se perguntava se a filha não seria mais estrategista do que ela pensava. Já tinha dito sim a muitas coisas – festas, voltar mais tarde à noite, dormir na casa de amigas – porque Amelia fizera os pedidos quando Kate estava estressada ou apressada. Mas um semestre na Europa era outra história. Não iria ceder simplesmente por ser mais fácil. Mas de fato teria sido. Muito mais fácil.

– Que diferença isso faz? – Amelia emitiu um ruído gutural de irritação.

– Você nunca está aqui mesmo.

Ela não costumava se queixar das longas horas de trabalho da mãe. Kate sempre supusera – *esperara* talvez fosse uma palavra melhor – que isso fosse porque ter uma mãe solteira com uma carreira que a consumia era a única vida que a filha conhecia. Mas Kate sempre se preparara para descobrir que a filha ainda sentia as lacunas, apesar de seus esforços frenéticos para preenchê-las de amor.

– Poxa, Amelia, isso não é justo. E um semestre fora é algo para se fazer na faculdade, não no ensino médio.

– Vai ser educativo.

Kate olhou para a filha, torcendo para ver algum sinal de humor em seus olhos. Nada. Estava totalmente séria.

– Amelia, eu adoraria cancelar a reunião e ficar aqui para conversar sobre isso – Kate dissera, com sinceridade. – Mas realmente não posso. Será que podemos continuar esta conversa hoje à noite, quando eu chegar?

– Apenas diga sim, mãe! – Amelia gritara, assustando Kate. A filha não era de gritar, muito menos com a mãe. – É superfácil, olha: sim. É só dizer isso.

Então é isso, Kate pensara. Ela é oficialmente adolescente. De agora em diante será ela contra mim, não nós contra o mundo.

O pior da discussão foi que Kate acabou voltando para casa tarde demais – atrasada novamente, como sempre – para conversar sobre o semestre no exterior. Mas estava pronta ao se levantar de manhã – naquela manhã. E, mesmo sabendo que a reunião com Victor seria uma das mais estressantes da sua carreira, até acordara mais cedo só para ter muito tempo para conversar com Amelia sobre Paris. Planejava se manter firme na negativa, mas decidira oferecer uma viagem juntas para lá no Natal. Kate também havia se preparado para pedir desculpas por não ficar mais em casa, sobretudo nos últimos tempos. Ainda conseguia preservar seu jantar com Amelia às sextas e o cinema de domingo, mas as aventuras de fim de semana eram cada vez menos frequentes.

Desde que Amelia era pequena, Kate sempre fizera questão de que passem juntas nos fins de semana – um espetáculo na Broadway, uma exposição no Metropolitan, o festival de cerejeiras em flor no Jardim Botânico do Brooklyn ou o Desfile das Sereias em Coney Island. Porém, isso tinha sido dificultado pelos desdobramentos do caso Banco Mútuo Associado e os próprios compromissos de Amelia, como hóquei na grama, conversação em francês, trabalho voluntário e amigos. Agora parecia que ela também sempre tinha algo para fazer.

Kate continuava de pé perto da porta do metrô, estudando seu reflexo cansado na janela comprida, quando ouviu uma voz automatizada pelo sistema de som.

– Permaneceremos parados por mais alguns instantes aguardando a liberação do tráfego à frente – disse a voz computadorizada. – Contamos com a sua compreensão.

No fim, Kate não conversara com Amelia sobre trabalho, sobre Paris nem sobre nada. Após todo o preparo e a preocupação, Amelia simplesmente descera a escada toda leve e contente, dizendo que não queria mais ir a Paris. Agora, claro, essa mudança súbita parecia suspeita. Kate ainda não credi-

tava que a filha pudesse fazer algo que lhe valesse uma suspensão, mas, levando em conta seu comportamento errático dos últimos dias, talvez tivesse feito algo um pouquinho ruim.

Kate olhou mais uma vez para o relógio. Uma hora e dez minutos de atraso. *Merda*. Era uma péssima mãe. Conciliar o trabalho e a criação da filha era demais para ela. Não tinha margem para erros. Havia outros empregos em advocacia que lhe dariam mais flexibilidade – e também menos dinheiro, embora ela e Amelia pudessem viver com bem menos. Ainda assim, o dinheiro não era a verdadeira razão pela qual Kate ficava nesse emprego. Ela gostava do trabalho e era boa nele, e isso a fazia sentir-se capaz e confiante. O sucesso – primeiro acadêmico, depois profissional – sempre fizera com que se sentisse assim: segura. E isso não era pouca coisa, considerando que no horizonte não havia nenhum cavaleiro de armadura reluzente.

Não que Kate esperasse ser resgatada. Não esperava nada; ponto final. Saía com homens algumas vezes ao longo dos anos, principalmente por sentir que precisava fazer isso. E as amigas insistiam bastante em marcar encontros para ela. Mas nunca tivera sorte nos relacionamentos, nem mesmo quando estava na escola ou na faculdade. Aliás, a relação mais saudável que tivera fora com Seth, que com ela chegara à importante conclusão de que era gay. Antes dele, Kate tivera outros namorados, em geral do tipo emocionalmente distante. Pelo menos agora ela já tinha idade para reconhecer que seu mau gosto na escolha de parceiros tinha tudo a ver com sua criação, embora nem por isso fosse algo que ela pudesse mudar.

Ultimamente, era difícil dizer se os homens com quem ela saía eram as escolhas erradas ou se, entre Amelia e o emprego, Kate não conseguia criar espaço para eles. De qualquer modo, nada nem ninguém durou. E a vida quase parecia mais simples assim. Só que agora, aos 38 anos, o bebê acidental de Kate – a encantadora expressão que sua mãe usava, mesmo depois que Amelia já tinha idade para entender – talvez fosse o único que teria. A ideia de ter apenas uma filha não parecia errada, mas *era* desleixadamente econômica.

Quando o trem enfim chegou à estação Grand Army Plaza, Kate estava uma hora e quinze minutos atrasada. Saiu correndo quando as portas do trem se abriram, o coração acelerando enquanto ela trotava em direção à escada.

Ao chegar à calçada, piscou para se adaptar à claridade. Protegendo os olhos com uma das mãos, caminhou apressada, entrando na rua Prospect Park West. A rua de duas pistas e mão única estava calma àquela hora, e os saltos altos que costumava usar quando tinha reunião com clientes faziam

um barulho alto no concreto. O parque, cheio de bordos nos tons reluzentes de outono, ficava à esquerda de Kate, do outro lado da rua. As folhas tinham começado a cair, acumulando-se em uma espessa camada ao longo do muro que contornava o parque, no qual Kate não entrava havia anos.

Após 15 anos em Park Slope, Kate ainda se sentia mais à vontade no escritório do que em sua própria casa no Brooklyn. Ela queria um lugar acolhedor, com jeito de bairro pequeno e cabeça aberta para criar Amelia, e Park Slope reunia tudo isso. Mas os frequentadores da Cooperativa de Alimentos, as pilhas de itens usados deixadas para quem os quisesse e os grupos fechados de famílias “desleixadas chiques” que se reuniam nos parquinhos adjacentes aos apartamentos multimilionários ainda davam a sensação de serem detalhes charmosos da vida de outra pessoa.

À frente, Kate avistou duas mães típicas de Park Slope – urbanas e atraentes sem entrarem na última moda – conversando enquanto saíam do parque. Cada uma empurrava um carrinho de bebê esportivo, trazia uma criança pequena por uma das mãos e uma garrafinha ecológica no porta-copo. Riam enquanto caminhavam, sem se preocupar com as crianças que guiavam. Ao observá-las, Kate sentiu como se nunca tivesse tido uma filha.

Sempre planejara ter uma família. No mínimo dois filhos, talvez três. Originalmente pretendia evitar ter um filho único, por causa de sua própria infância solitária, que não tinha sido das mais felizes. Contudo, acabara percebendo que ter “só” um filho não significava que era preciso tratá-lo como um miniadulto desde o nascimento. Kate também imaginara que os filhos que teria, fossem quantos fossem, viriam depois. Muito depois. Ela se concentraria primeiro na carreira para se firmar, como sua mãe, Gretchen, professora emérita de neurologia na Universidade de Chicago, tanto lhe ensinara. Primeiro a carreira; filhos, só se houvesse tempo.

Mas sua vida tomara outro rumo. E, no fim, ela não quisera aproveitar nenhuma das “opções” nas quais Gretchen insistira para “lidar” com aquele “infortúnio”. Kate podia admirar o sucesso profissional da mãe, mas não desejava imitá-la de nenhuma outra forma. Pelo contrário: entendeu a gravidez como um sinal que não deveria ignorar. Além disso, era também uma oportunidade de ter algo mais.

A maternidade fora difícil, claro, principalmente sendo mãe solteira aos 24 anos, ainda na faculdade de direito. Mas ela, aliás, as duas sobreviveram. A verdadeira salvação de Kate e Amelia fora Leelah, a babá que cuidara da menina durante 15 anos. Foram o carinho, a compaixão e a deliciosa comida

de Leelah que realmente as mantiveram de pé. Foi com pesar que Kate reduzira as horas de trabalho dela para apenas lavar a roupa e limpar a casa enquanto Amelia estivesse na escola. A menina vinha insistindo desde o outono anterior que já estava crescida demais para ter babá, e Kate finalmente se cansara daquela discussão. Contudo, ambas sentiam falta de Leelah: Amelia mais do que admitia; Kate mais do que às vezes era capaz de suportar.

Kate parou quando as duas mulheres com os carrinhos atravessaram a rua na sua frente, e então as seguiu ao cruzarem a rua Garfield. Observou seus quadris estreitos em calças de ginástica, os rabos de cavalo altos que balançavam, sincronizados, para a direita e para a esquerda.

– Nossa, caminhões de bombeiros! – exclamou uma das mulheres, parando de forma tão abrupta na calçada oposta que Kate quase se chocou contra seu traseiro esculpido. – Estão na escola?

– Meu Deus, espero que não – disse a outra, ficando na ponta dos pés para ver melhor. – Pelo menos não estão correndo para lugar algum. Deve ter sido um alarme falso.

Kate olhou na direção dos caminhões de bombeiros que bloqueavam metade da rua Garfield. Estavam estacionados em frente a uma entrada lateral de Grace Hall, uma antiga mansão muito ornamentada que parecia uma grande biblioteca pública. Havia vários carros de polícia na frente da escola vizinha, dois prédios baixos de pedra comprados muito tempo atrás e reformados em estilo semelhante. Os bombeiros estavam parados ao longo da calçada, conversando em grupos, apoiados nos caminhões.

Era possível ver também uma ambulância com as luzes desligadas e portas fechadas. Se realmente houvera algum incêndio ou outra emergência, já tinha acabado. Ou talvez tivesse sido um alarme falso.

Amelia não teria acionado o alarme de incêndio, ou teria? Não, só os delinquentes juvenis faziam coisas desse tipo. Por mais que o temperamento dela andasse oscilando ultimamente, fosse qual fosse o motivo daquela ideia absurda de passar um semestre fora e apesar da súbita crise existencial em relação ao pai ausente, Amelia não era nem nunca seria uma delinquente juvenil.

Kate respirou fundo e expirou com força, o que fez com que a mãe mais alta parada à sua frente se assustasse e se virasse para trás. Puxou para perto de si a menininha com rosto de querubim e colete cor-de-rosa felpudo. Kate deu um sorriso sem jeito ao passar por elas. Tentou enxergar além da ambulância. Ao lado havia um policial que conversava com uma mulher mais velha, de cabelos grisalhos, vestida com um casaco marrom

comprido. Tinha ao seu lado um cãozinho minúsculo e trêmulo e abraçava a si própria com força.

Não se entrevistavam passantes por causa de alarmes de incêndio. Kate ergueu o olhar para as janelas das salas de aula. Onde estavam todas as crianças? Aquelas cujos rostos deveriam estar espremidos contra o vidro, observando a comoção? Kate foi se aproximando.

– Então a senhora ouviu primeiro o grito? – o policial perguntou à mulher grisalha. – Ou o barulho?

Grito. Barulho. Kate viu dois policiais saírem pelo portão da frente da escola, descerem os degraus e entrarem no pátio lateral. Ao acompanhá-los, ela finalmente descobriu onde estava concentrada a ação. Havia mais de uma dúzia de policiais juntos. Ainda assim, ninguém parecia ter pressa. Isso não era um bom sinal. Aliás, estava começando a parecer um sinal de algo terrível.

– Senhora – disse uma voz alta, bem no ouvido de Kate. – Preciso que a senhora vá para o outro lado da rua. Temos que desocupar esta área.

Sentiu a mão tocar seu braço, firme e nada amigável. Kate se virou e viu um policial enorme, bem mais alto do que ela. Bochechudo como uma criança.

– Sinto muito, senhora – ele repetiu em um tom um pouco menos insistente. – Mas este lado da rua está fechado para pedestres.

– Mas a minha filha está dentro da escola. – Kate se virou de novo para o prédio.

Ameaça de bomba, suspeita de antraz, tiroteio... Onde estavam todas as crianças? O coração de Kate começou a acelerar.

– Preciso pegar a minha filha. Eles me ligaram e me pediram para vir. Estou atrasada.

O policial passou muito tempo olhando para ela e piscando, como se tentasse fazê-la desaparecer.

– Está bem, acho que posso ir verificar – ele disse finalmente, com um ar cético. – Mas, ainda assim, a senhora tem que esperar ali. – Ele apontou para o lado oposto da rua Garfield. – Qual é o nome da sua filha?

– Amelia. Amelia Baron. Recebi uma ligação da diretoria avisando que ela tinha sido suspensa e que eu deveria vir buscá-la.

Na mesma hora, Kate desejou ter omitido essa parte. O policial ficaria menos inclinado a ajudar se pensasse que Amelia tivesse causado algum problema. Talvez até o problema.

– Espere – Kate o chamou. – Antes de ir, pode ao menos me dizer o que aconteceu?

– Ainda estamos tentando entender. – Sua voz vacilou quando ele se voltou para olhar para a escola por alguns instantes. Então se virou para Kate e apontou mais uma vez. – Agora, vá para lá. Eu já volto.

Kate não foi para onde ele apontou. Em vez disso, ficou na ponta dos pés para tentar distinguir o que acontecia no pátio dos fundos. Viu que havia mais de uma dúzia de policiais ali, alguns de uniforme, outros de terno escuro, apinhados perto da lateral do prédio, formando uma parede curva com as costas. Era como se tentassem ocultar alguma coisa. Algo terrível.

Alguém tinha se ferido, ou pior. Kate tinha certeza disso agora. Teria sido uma briga? Uma bala perdida? Era a área nobre do Brooklyn, mas ainda era o Brooklyn. Esse tipo de coisa acontecia.

Assim que o policial que falara com Kate passou pelo portão da escola, ela correu para a grade do pátio lateral. Os policiais protegiam os olhos do sol ao percorrer com a vista a parede até o telhado. Kate também olhou para lá. Não viu nada além da fachada imaculada da antiga construção de pedra.

Quando voltou a olhar para baixo, eles tinham mudado de posição. E ali, no centro do círculo de proteção, havia uma bota. Preta, sem salto, gasta. Estava caída de lado, como um animal morto. Mas também havia outra coisa ali, algo muito maior. Coberto com um lençol.

O coração de Kate palpitava com força quando ela apertou as barras da grade de ferro. Olhou novamente para a bota. Era do tipo que muitas meninas usavam com jeans justos ou *legging*. Mas as botas de Amelia eram marrons, não eram? Kate deveria saber. Deveria saber a cor dos sapatos da filha.

– Sra. Baron? – Era a voz de um homem.

Kate se virou subitamente, preparando-se para ouvir, do mesmo policial com cara de criança, que ela não deveria estar ali. Porém, atrás dela havia um homem atraente, com jeito rústico, de jeans e moletom com capuz. Tinha mais ou menos a idade de Kate, um rosto quadrado e forte, cabeça raspada e a energia contida de um lutador de boxe, ou talvez de um criminoso prestes a atacar. Tinha um distintivo pendurado do pescoço.

– A senhora é Kate Baron? – perguntou ele, dando um passo à frente.

Para completar, tinha o forte sotaque nasalado do Brooklyn. Mas estava tentando ser gentil. Kate não gostava disso. A gentileza forçada a deixava nervosa. Atrás dele, Kate avistou o policial uniformizado com quem falara antes, de pé nos degraus, ao lado de uma mulher de cabelos grisalhos e óculos de leitura. Ambos a observavam.

– Onde está Amelia? – Kate se ouviu gritar. Ou teria sido outra pessoa?

Parecia sua voz, mas ela não havia sentido as palavras saírem de sua boca. – O que aconteceu?

– Sou o detetive Molina. – Ele estendeu a mão, mas parou antes de apoiá-la realmente no braço de Kate. Uma tatuagem no antebraço, uma cruz, aparecia sob a manga do moletom. – A senhora poderia me acompanhar?

Não estava certo. Ela não queria ir a lugar algum com esse detetive. Queria ser mandada para longe dali. Para onde eram enviados todos os outros espectadores irrelevantes.

– Não. – Kate deu um salto para trás, com o coração disparado. – Por quê?

– Fique calma, senhora – ele disse, pondo uma mão firme em seu ombro e puxando-a para perto. Agora sua voz estava mais baixa, mais cautelosa, como se Kate tivesse uma ferida pavorosa na cabeça e não houvesse percebido. – Por que a senhora não vem comigo e se senta?

Kate fechou os olhos e tentou visualizar os pés de Amelia de manhã, quando saíra, feliz e saltitante. As mães devem saber que sapatos os filhos estão usando. É função delas verificar. Kate sentiu uma leve tontura.

– Eu não quero me sentar – disse, o pânico aumentando. – Só me diga o que aconteceu. Agora!

– Está bem, Sra. Baron. Está bem – o detetive Molina falou em voz baixa. – Houve um acidente.

– Mas a Amelia está bem, não está? – Kate insistiu, apoiando as costas na grade.

Por que não estavam correndo? Por que a ambulância estava ali parada? Onde estavam todas as luzes e sirenes?

– Ela tem que estar bem. Preciso vê-la. Preciso falar com ela. Onde ela está?

Kate devia sair correndo. Tinha certeza disso. Precisava ir para bem longe dali, onde ninguém pudesse lhe contar nada. Em vez disso, estava afundando, deixando-se escorregar até a calçada fria e dura. Ficou ali sentada, abraçando os joelhos, a boca pressionada contra eles como se estivesse se preparando para um pouso forçado.

Corra, dizia a si mesma. *Corra*. Mas era tarde demais.

E, durante um longo e derradeiro momento, tudo o que havia era o som de seu coração batendo. A pressão das calças apertadas.

– A sua filha, Amelia... – o detetive tinha se abaixado também – ela caiu do telhado, Sra. Baron. Ela... infelizmente não sobreviveu à queda. Lamento muito, senhora, mas sua filha, Amelia, faleceu.

GrAcIoSaMENTE

12 DE SETEMBRO

Há muitas definições para a palavra *idiota* no dicionário. Não seja mais uma.

E aí, galera?!

Aqui estão todos os lances impublicáveis...

Ah, os clubes. Onde todos vocês, desesperados por escalar a pirâmide social, talvez finalmente consigam pôr as mãos escorregadias no nível mais alto. Mas não se esqueçam de que não há honra alguma em comparar o tamanho dos peitos ou do pintinho com o do candidato ao seu lado, por mais que façam isso há centenas de anos.

Por outro lado, pode ser que eu só pense isso porque ainda estou esperando para ser chamada.

Dizem por aí que os Tudors e o clube Devonkill estão tentando aumentar a reputação pegando pesado nos testes de iniciação, as Magpies estão sendo criativas (sei!) nos convites deste ano, e o Wolf's Gate está armando uma grande invasão britânica.

E por falar em grande invasão britânica, quantas pessoas o Ian Greene vai levar para a cama? Ainda estamos na segunda semana de aulas e, pelo que ouvi, ele está para chegar aos dois dígitos, com muitas outras moças honradas fazendo fila para transar com ele – como nossas periguetes cativas Sylvia Golde, Susan Dolan e Kendall Valen, só para citar três.

E a Dylan Crosby? A querida, linda e misteriosa Dylan? Não, não é uma delas. Não sei bem com quem ela anda ficando, mas ela não é do tipo que faz fila para nada.

Ouvi dizer que George McDonnell e Hannah Albert finalmente consumaram a obsessão de uma década que tinham um pelo outro. E Carter Rose está de olho

em uma certa garota do segundo ano que aperta bem as pernas. Pobre Carter, nem perca tempo. Aquele cinto de castidade não se abre para homem algum.

E continuem ligados. Consegui um furo incrível sobre a lista de alunos em recuperação... Estou pensando em publicá-la na íntegra na próxima edição. Quero dizer, na minha humilde opinião, quem não consegue passar sem sufoco numa escola superprotetora como esta merece passar vergonha.

facebook

14 DE SETEMBRO

Amelia Baron

Não acredito que ela convenceu a melhor amiga a usar jeans skinny durante uma onda de calor

George McDonnell e outras 2 pessoas curtiram isso.

Sylvia Golde não acredito que a melhor amiga é um fracasso tão épico em se tratando de moda; vc devia me agradecer, sabia?

Amelia

14 DE SETEMBRO

Na metade da escadinha na frente de casa, eu já via Sylvia esperando no lugar de sempre: na esquina mais próxima de mim, a da rua Garfield com a Oitava Avenida. Sylvia morava na rua Berkeley, entre a Sétima e a Oitava, quase ao lado do restaurante chinês Mr. Wonton e a um quarteirão do Ozzie's, o café onde às vezes havia refis grátis de chocolate quente e que oferecia amostras imensas de cookies quase todo dia. Havia quatro anos, desde que tínhamos 11 anos e a mãe de Sylvia a deixara ir sozinha para a escola pela primeira vez, nós nos encontrávamos diariamente na mesma esquina, para percorrermos juntas os últimos dois quarteirões até a escola. Ela teve que passar por todo tipo de teste antes de poder ir sozinha – como agir em uma emergência, a quem pedir ajuda, o que fazer se alguém tentasse agarrá-la.

Minha mãe finalmente me permitiu ir a pé sozinha para a escola com 11 anos, também. Ela também fez testes. Mas acho que foi a mãe de Sylvia que os passou para ela. Eu amo minha mãe, mas ela tira a maioria das ideias sobre como ser mãe das outras mães. Em geral, tudo o que Sylvia podia fazer eu também podia.

Mas Sylvia nunca teve babá, então me livrar de Leelah foi por minha conta. Eu gostava de Leelah, mas quem ainda tem babá no segundo ano do ensino médio? Meu argumento era basicamente esse. E fiquei empolgadíssima quando minha mãe enfim concordou. Agora que as aulas tinham começado, eu até que sentia saudade de Leelah. Nunca diria isso para a minha mãe – não queria que ela se sentisse mal, sei lá –, mas era estranho passar o tempo todo sozinha.

Acenei para Sylvia e ela respondeu erguendo dois dedos, em uma de suas saudações descoladas. Era a segunda semana de setembro, mas ainda estava aquele calor nova-iorquino nojento, grudento, em que parece que andamos sobre uma rede e tudo tem cheiro de lixo ou de urina. Mas é claro que Sylvia não deixaria que um calorzinho a impedisse de exibir todos os seus novos

looks de outono. As roupas eram para Sylvia o que os livros eram para mim: a única coisa que realmente importava. Então lá estava Sylvia, na esquina, vestindo jeans skinny, sandálias plataforma e um casaco longo e sem mangas. Sim, sem mangas, mas ainda assim um casaco. Ela o tinha mostrado para mim na tarde anterior; era cor de berinjela e tinha uma gola bem ampla e solta. Diferente e quase um pouco esquisito, o tipo de roupa que me deixaria com cara de idiota. Mas caía perfeitamente bem em Sylvia.

Acenei de volta para ela enquanto enfiava *O conto da Aia* na mochila, para terminar de ler na hora do almoço. Pela primeira vez, Sylvia e eu não tínhamos o mesmo horário de almoço, exceto às sextas-feiras. Eu até que podia almoçar com Chloe ou Ainsley, ou alguém do time de hóquei na grama. Sylvia e eu não éramos as únicas amigas uma da outra, mas não tínhamos uma panelinha, como tantas outras pessoas. E também nunca éramos chamadas para entrar nos clubes. Nem queríamos. Os clubes eram uma ideia idiota, cheios de segredos imbecis e aquela bobagem dos trotes. Eles tinham existido em Grace Hall desde a década de 1920 até os anos 1980, quando algum calouro candidato a entrar no clube só de rapazes tentou surfar bêbado em um trem e acabou decegado. Depois disso, a escola banuiu os clubes.

Há poucos anos, alguém começou a tentar trazê-los de volta. Woodhouse, o novo diretor, no início ficou todo paranoico, ameaçou expulsar alunos e tudo mais. Mas depois se fez um silêncio total. Segundo os boatos, alguns dos pais dos alunos que faziam parte de clubes pagaram para o diretor fechar o bico, pois estavam preocupados com as chances de os filhos entrarem na faculdade.

Mas Sylvia e eu tínhamos feito um pacto de nunca entrarmos para um clube, pelo menos não até que ambas fôssemos convidadas e, mesmo que isso acontecesse, provavelmente não aceitaríamos o convite. Tínhamos outras atividades. Sylvia tinha os namorados dela e eu tinha meus livros e meu novo amigo Ben. Mas, acima de tudo, tínhamos uma à outra. Sempre fora assim. Algumas pessoas poderiam achar que éramos amigas improváveis – eu, a CDF, esportista e virginal, e ela, a galinha rainha da moda –, mas éramos parecidas em tudo o que importava, principalmente quando tínhamos uns 5 anos, que foi quando nos tornamos melhores amigas para sempre. Ficamos amigas no jardim de infância, sobretudo porque nós duas detestávamos brincar de camarim. Eu achava aquela coisa de mulherzinha muito boba. Sylvia detestava se fantasiar porque as roupas disponíveis eram sempre horríveis. Éramos assim: sempre acabávamos no mesmo lugar, só que por motivos diferentes. Além disso, tínhamos história. Muita história.

Na esquina, Sylvia puxou a gola do casaco, fingiu olhar para o relógio que não tinha e acenou para que eu me apressasse. Provavelmente estava morrendo de calor naquele casaco idiota. Mas ficaria muito chateada se eu dissesse que ela estava ridícula usando casaco naquele calor. Aí ela diria algo cruel. Sylvia era assim, meio como um caranguejo: se você a cutucasse do jeito errado, ela arrancava seu dedo.

Além disso, estava bonita. Suas escolhas podiam não ser práticas, mas ela tinha estilo. Sylvia lia a *Vogue* britânica e blogs sobre moda como *Style Rookie* e sonhava em se tornar o mais novo fenômeno de moda adolescente. Credo – era o que eu pensava, de modo geral, sobre toda essa bobagem de moda. Mas Sylvia achava que os livros que eu lia eram pretensiosos, e não estava totalmente errada. No fim das contas, era mais seguro eu manter a boca fechada sob meu telhado de vidro.

Tentei apertar o passo antes que Sylvia tivesse um aneurisma, mas, por causa da minha bolsa de hóquei na grama, da mochila e das minhas pernas, que começavam a transpirar dentro da calça skinny que eu também estava usando, era difícil andar depressa.

– Cara, como você é lerda – Sylvia disse quando enfim cheguei até ela.

– É essa calça – falei, beliscando o tecido grudado. – Que, caso eu precise lembrar, foi ideia sua.

Sylvia sorriu.

– Ela deixa você mais lerda ainda, mas fica bonita. – Então franziu a testa, apontando para a minha camiseta. – Mas o que é essa coisa horrenda? Não foi isso que falei para você usar.

– A blusa não caiu bem.

Era mentira. Eu nem tinha experimentado. Quando Sylvia me deu aquela blusa, eu logo soube que ninguém me veria com aquilo, nem morta.

– Tinha uns ombros assim, meio balonê, que me deixavam parecendo tipo...

– Tipo uma menina? – Sylvia cruzou os braços.

– Eu ia dizer tipo um paninho bordado de vovó.

– Seu problema é confundir feminismo com tosquice. Já viu fotos da Betty Friedan? Ela até que era bem estilosa.

– Como você sabe quem é Betty Friedan?

– Não sou idiota. – Sylvia revirou os olhos ao começar a andar na direção da escola. – Apenas ponho um pouco de estilo no meu ativismo social.

Sylvia apoiou os livros em seu quadril estreito. Estavam amarrados como de costume, com uma fita marrom acetinada. Por princípios estilísticos, Sylvia

se recusava a carregar qualquer tipo de mochila ou bolsa para livros. Secretamente, acho que ela tinha esperança de lançar moda. Já havia tentado lançar várias. Até agora, nenhuma pegara. Ainda assim, ninguém em Grace Hall zombava de nenhum dos modismos estranhos de Sylvia – fossem chapéus loucos, óculos de sol imensos ou bolsas cobertas de balas. Isso já era tipo uma vitória e ponto final. Eu podia ser melhor aluna e melhor atleta, mas Sylvia sempre fora melhor em ser ela mesma.

Quando entramos na rua Prospect Park West, a calçada estava apinhada. Era assim toda manhã, a caminho da escola. E, toda manhã, avançar em meio à multidão era um saco. Havia pais estressados que nos atropelavam com os carrinhos de seus filhos da pré-escola ou bufavam na nossa orelha enquanto arrastavam as crianças para o colégio. Havia as crianças de ensino fundamental de patinetes que se chocavam contra nós, e todos os grupinhos do ensino médio que gritavam uns com os outros ao longo de todo o quarteirão, na maior parte do tempo usando palavrões. Como se aquilo os transformasse de garotos ricos de escola particular nos valentões do Brooklyn que desejavam ser.

Aquele trecho da Prospect Park West, até os portões principais da escola, era onde boa parte dos grandes dramas do ensino médio se desenrolava. As pessoas brigavam, terminavam namoros, combinavam de sair. E, quando algo realmente ruim acontecia – como quando George McDonnell deixou uma aluna do primeiro ano com o nariz sangrando ao acertá-la acidentalmente com a mochila enquanto corria atrás de outro idiota pela calçada –, a Sra. Pearl se pronunciava pelo sistema de som da escola assim que entrávamos, como se esperasse ansiosamente uma desculpa para dar uma bronca em todos.

– Mau comportamento a caminho da escola é o mesmo que mau comportamento *dentro da escola!* – ela guinchava, como se assim fôssemos ouvir melhor. – Assim que deixam de estar sob a guarda de seus pais, considera-se que estão sob a supervisão de Grace Hall. Não serão toleradas brigas nem brincadeiras pesadas envolvendo contato corporal violento. Esse tipo de comportamento será punido de acordo com o Código de Conduta dos Estudantes de Grace Hall.

Eu não era especialista, mas isso parecia inconstitucional. Da primeira vez que ouvi a Sra. Pearl dizer isso, tentei me manter acordada à noite para pedir a opinião profissional da minha mãe, mas peguei no sono enquanto a esperava chegar em casa.

– Ai! – reclamei quando ainda estávamos a um quarteirão da escola.

Levei a mão à nuca, onde algo tinha me acertado.

Quando ergui os olhos, Carter Rose estava sorrindo para mim. Apontou na minha direção e então saiu correndo para a escola. Era assim que os garotos do segundo ano paqueravam: acertando a sua cabeça.

– Foi isso mesmo? O Carter deu um tapa na minha nuca? – perguntei, com as orelhas ainda zunindo.

– Ele gosta de você – Sylvia disse com um sorriso largo, observando-o se fundir à massa de gente que caminhava devagar à nossa frente. – Você devia dar uma chance a ele. É gatinho e joga lacrosse. Vocês dois têm muita coisa em comum.

– Eu jogo hóquei na grama. São esportes totalmente diferentes. Você sabe disso, né? – perguntei, um pouco irritada. Sylvia sempre me empurrava para os garotos, qualquer um. – Além disso, o Carter é como um cachorro hiperativo. Não, obrigada.

– É, mas é um cachorro hiperativo *fofo*.

Alto e meio desengonçado, de cabelo loiro desarrumado e rosto anguloso, Carter conquistava muitos corações. Mas não o meu. Eu ainda não tinha certeza de qual era o meu tipo, mas não era ele.

– É, mas não, valeu – murmurei. – Quando precisar que me arrumem um namorado, eu aviso.

– Como quiser. – Sylvia deu de ombros quando avistamos os degraus na frente da escola, com a multidão aglomerada em torno deles.

O guarda, Will, estava de pé no alto da escada, acenando com as mãos grandes e gordas para que todos entrassem. Quando paramos atrás do grupo de pessoas, Sylvia agarrou meu braço e me puxou na direção dos arbustos.

– Ai, Sylvia. O que você está fazendo?

– Foi mal – ela disse. De repente, sua voz estava elétrica e os olhos se moviam rapidamente, como se ela quisesse se assegurar de que ninguém estava ouvindo. – Eu ia guardar o segredo para não dar azar, mas não aguento mais. *Preciso* contar para você.

– Contar o quê?

Eu tinha que reconhecer que aquele era um ótimo começo. Por outro lado, eu sabia que não devia criar muita expectativa. Sylvia era capaz de transformar o modo como alguém parava para amarrar os cadarços em um evento extraordinário.

– Ontem eu falei oi para ele – disse ela, chegando ainda mais perto de mim – e você *não* vai acreditar no que aconteceu!

– Ele quem? – perguntei. Percebi que eu devia saber, mas depois fiquei desconfiada. De repente Sylvia estava agindo feito uma doida. Da última vez em que ela agiu assim, tinha sido por um péssimo motivo. – Você não tomou o calmante da sua mãe de novo, né? Não devia entrar na escola se...

– Eu não tomei nada! – Sylvia gritou tão alto que várias pessoas, a maioria delas mães, se voltaram para nós.

– Está bem, foi mal – murmurei. Pus as mãos para trás, para que ela não me puxasse de novo. – Eu só estava tentando ajudar.

– Eu não preciso da sua ajuda, ok? – ela disse. – Eu *tenho* mãe, lembra?

– Poxa, tá bom.

Sylvia era assim. Não tinha filtro. Dizia coisas realmente cruéis sobre meu pai inexistente e minha mãe que nunca estava em casa. *Amelia, a pequena órfã*, me chamara certa vez. Fazia isso quando sentia que eu a tinha magoado primeiro. Esse não era seu melhor lado. E às vezes eu gritava com ela quando fazia isso. Mas tentava ignorar as coisas que ela dizia sobre minha mãe porque, no fundo, acho que ela sentia ciúme. Minha mãe era tudo o que eu tinha e não ficava muito em casa, mas o tempo que passávamos juntas era sensacional e, quando minha mãe não estava, eu sabia que ela gostaria de estar. Às vezes discutíamos por bobagens, mas eu sempre soube que ela me amava. Eu sabia *de verdade*. A mãe de Sylvia, Julia, parecia ser ótima, mas Sylvia meio que a detestava. Nunca entendi bem por quê.

– Eu só estava tentando contar uma coisa que aconteceu. – Agora Sylvia estava ressentida. – Era importante para mim. Mas, se você não liga...

– Eu ligo – falei, engolindo a alfinetada sobre minha mãe. Sylvia não tinha como deixar de ser Sylvia. – Vamos lá, me conte. Estou prestando toda a atenção agora.

Sylvia olhou ao redor mais um minuto com a cara fechada, como se houvesse alguma chance de ela não me contar o segredo. Só que a quem mais poderia contar?

– Está bem – ela disse por fim, um sorriso travesso voltando a despontar em seu rosto. – Ian Greene – sussurrou. – Eu finalmente falei oi para ele ontem, e adivinha o que aconteceu?

Sylvia estava mais obcecada por Ian Greene do que jamais estivera por qualquer outro garoto na vida. E isso não era pouca coisa.

Nós duas o vimos pela primeira vez na semana anterior ao início das aulas. Estávamos deitadas lado a lado na minha cama, com meu laptop sobre os joelhos, olhando o novo “livro de alunos” de Grace Hall, que tinha acabado

de ser publicado online. Ian Greene era um aluno novo. Com cabelos perfeitamente imperfeitos e olhos escuros e temperamentais, não havia dúvida de que era gato. Até eu percebia isso. Além do mais, sob seu nome estava escrito “Hampstead Heath, Reino Unido”, o que significava que devia ter sotaque britânico. E Hampstead Heath parecia refinado. Até mesmo nobre. Até onde eu imaginava, Ian Greene podia muito bem ser da família real.

– Deixe de ser boba – Sylvia dissera quando sugeri isso. Ela havia estado na Inglaterra várias vezes. – Hampstead Heath é tipo o Brooklyn de Londres, só que lá todos moram em minimansões de zilhões de dólares. – Então, voltou-se para mim e sorriu. – Mas nunca se sabe. Ele pode ser tipo um conde ou algo assim.

Não é de surpreender que Sylvia não fosse a única pessoa empolgada com a chegada de Ian Greene. Metade das garotas do ensino médio de Grace Hall já estava de olho nele antes do primeiro dia de aula. E até eu devo admitir que ele era o máximo. Tinha um carisma natural de *bad boy* e um sorriso torto e rápido que tornava difícil deixar de olhar para ele. Tocava violão e compunha música, mas seu verdadeiro talento era a fotografia, assim como o de seu pai, cujas fotografias, diziam, estavam expostas no Museu de Arte Moderna de Nova York. A família Greene se mudara para lá porque a mãe de Ian iria assumir o cargo de curadora-chefe do Museu do Brooklyn.

E Ian não perdeu tempo em tirar vantagem de toda essa atenção feminina. Porém, de algum modo, o jeito modesto com que ele levava para a cama toda garota que passasse pela sua frente fazia tudo aquilo parecer civilizado.

– Você nem vai me perguntar? – Sylvia insistiu, dando uma olhada na direção dos degraus de Grace Hall.

– Perguntar o quê? – Eu tinha perdido totalmente o fio da conversa.

– O que aconteceu quando falei oi pro Ian! – O tom dela era de indignação e Sylvia até bateu o pé no chão.

– Ah, é, claro. O que aconteceu?

Ela estreitou os olhos e me observou durante um segundo.

– Ele veio até a *minha casa* – ela revelou, finalmente. – E... – Sylvia olhou ao redor outra vez, mas o grupo concentrado na escada estava diminuindo, pois a maioria das crianças, ou as que estavam no horário, já tinha entrado. Ela levou a mão aos lábios e arregalou os olhos. – A gente se beijou *pra valer*.

– Sério? – perguntei, tentando parecer entusiasmada. Na verdade, eu me sentia ofendida. Nem sabia por quê. – Isso é o máximo!

Eu tinha que dar o braço a torcer. Muitas vezes Sylvia exagerava, mas esta

era uma grande notícia. Ian Greene podia escolher quem quisesse, mas tinha escolhido Sylvia, pelo menos para uma tarde e um beijo. Não era exatamente surpresa que ela tivesse chamado a atenção dele. Os garotos sempre adoraram Sylvia. Era bonita e tinha curvas nos lugares certos. Como, aliás, muitas meninas de Grace Hall. Mas Sylvia tinha algo mais. Tinha algo de selvagem escondido dentro de si que a tornava divertida, imprevisível e só um pouquinho perigosa. Claro, era exatamente isso que, após um tempo, acabava afastando os garotos. Afinal de contas, há uma linha tênue entre ser aventureira e ser doida de pedra.

Mas então, se ficar com Ian era uma grande notícia, por que eu me sentia tão irritada? Minha nossa, eu estava com ciúmes? Não por Sylvia ter beijado Ian Greene. Acho que estava com ciúmes porque ela quis beijá-lo e conseguiu. Eu não conseguia me imaginar sentindo isso por ninguém, muito menos agindo normalmente até alcançar o objetivo.

– Eu sei. É uma loucura, não é? – Sylvia concordou depressa, mordendo o lábio. Agora parecia estar nervosa. – Só que eu não sei o que fazer quando me encontrar com ele agora. É melhor agir como se nada tivesse acontecido? Se eu for simpática demais, ele vai pensar que sou uma idiota. Mas também não quero que ache que sou uma vadia. – Ela parecia estar sofrendo. – Sei que você não tem a menor noção desse tipo de coisa, mas acha que eu deveria ir falar com ele?

– Hum, não sei se você deveria, tipo, correr atrás dele – respondi, tentando parecer segura. – Mas também não o ignore. O Ian é o tipo de cara que também acharia isso idiota.

– Isso *não* ajuda *nem um pouco*, Amelia. Preciso de instruções específicas. – Quando ela se aproximou, dei um passo atrás. Tinha medo de que ela me puxasse pelo braço de novo. – Você tem que me dizer *exatamente* o que fazer.

– Em primeiro lugar, respire – falei.

Não importa o que fosse aquele ciúme estranho que eu havia sentido, passou tão depressa quanto surgira. Agora eu estava cem por cento focada em ajudar Sylvia. Pus as mãos nos ombros dela, segurando-os até que ela respirasse fundo duas vezes.

– Isso é bom, lembra? O Ian não a teria beijado se não gostasse de você.

Sylvia olhou para baixo, mexendo os pés. Estava ficando tarde. Restavam poucas pessoas na calçada. Will continuava de pé ao lado do portão aberto, mas o fecharia a qualquer instante. Quando isso acontecesse, estaríamos oficialmente atrasadas. Era provável que eu pudesse me atrasar seis semanas

seguidas antes de a escola pensar em tomar alguma providência, então tentei não me importar. Mas não tinha como. Ainda mais porque eu nem estava atrasada *de verdade*.

– Mas e se fui *eu* que o beijei? – ela perguntou. – Quero dizer, ele me levou em casa e ficamos conversando sobre fotografia, aí nos sentamos na entrada e conversamos sobre música e moda, é claro, e então... eu... – Ela cobriu a boca com a mão outra vez e se voltou para mim com os olhos arregalados, ensandecidos. – Ai, meu Deus. Acho que foi. Fui *eu* que o beijei.

– Mas ele beijou você também, não é?

– E se não tiver beijado? – A voz de Sylvia estava alta e esganiçada.

– Ora, você teria percebido se ele não estivesse retribuindo o beijo.

– Como é que *você* sabe? – ela rebateu, e então olhou para baixo. – Foi mal, mas é verdade. Enfim, mesmo que ele tenha me beijado também, talvez só estivesse sendo educado.

Aquilo estava começando a se tornar doloroso. Eu sabia que a única saída segura era fazer o que Sylvia realmente queria: inflar seu ego. De modo geral, era sempre isso que ela buscava na vida.

– O Ian Greene me parece ser bem inteligente. Tenho certeza de que ele percebe como você é demais. Agora, tudo o que tem que fazer é *não* agir de um jeito bizarro perto dele.

Entrelacei meu braço ao de Sylvia e a puxei rumo à escola. Will olhou em nossa direção e estreitou os olhos. Eu acenei, torcendo para que ele esperasse. Ele se inclinou para a frente e protegeu os olhos com a mão. Então, balançou a cabeça e começou a falar consigo mesmo. Eu fiz Sylvia acelerar.

– Desculpe! Estamos chegando! – gritei para ele e então me volvei para Sylvia e fiz cara feia. – Vamos, chegar atrasada não vai ajudar em nada.

– Você vai precisar de muito mais do que um atraso pra ficar fora de Harvard – Sylvia disse, revirando os olhos. – Além do mais, não foi pintar o rosto das criancinhas ou qualquer coisa assim no Festival do Outono, no último fim de semana? Isso deve valer um passe livre por pelo menos uma semana.

– Eu só ajudei a montar tudo – respondi, embora eu tivesse pintado o rosto de uma criança. Na verdade, foi menos divertido do que parecia. – Além do mais, Harvard? Eca! Quem foi que disse...

Meu telefone apitou com a chegada de uma mensagem de texto. Tentei continuar andando enquanto o tirava da bolsa. Era de Ben.

Esqueci de dizer. Acho vc incrível. Exatamente do jeito que é.

– Ah, não! – exclamou Sylvia por sobre meu ombro. Estava olhando para o meu telefone. – Você *ainda* está falando com aquele cara esquisito?

Eu nunca devia ter contado sobre Ben para Sylvia, para começo de conversa. Na verdade, não contei. Duas semanas antes, ela havia pegado meu celular, sem me perguntar, e lido uma mensagem que eu tinha recebido dele enquanto estava no banheiro.

– Hum, guardando segredinhos, é? – ela perguntou, rolando na minha cama, segurando o telefone acima da cabeça. – “Sinto que ninguém me entende como você”? Tenho que dizer que me sinto um tanto insultada por isso, Amelia. A menos, claro, que você esteja transando com esse tal de Ben. Nesse caso, parabéns pra você. Por outro lado, estou ofendida por você não ter me contado.

Eu estava na porta, de braços cruzados, trincando os dentes com tanta força que parecia estarem a ponto de rachar. Eu não queria explicar nada sobre Ben para Sylvia. Sabia que ela me faria sentir idiota. Ela deu um salto na minha cama.

– Meu Deus! É verdade! Você transou mesmo com esse cara!

– Não, Sylvia. Pare com isso, sério.

– Meu Pai! Vocês transaram, sim! Quem ele é? Como ele é? Não acredito: minha menininha ficou adulta e me deixou de fora do *lance todo*. – Na verdade, Sylvia parecia estar entusiasmada por mim. – Tudo bem, estou disposta a perdoá-la por não me contar antes, *desde que* você me conte tudinho agora mesmo. Começando com uma foto desse tal de Ben. Você tem uma foto do garoto que a deflorou, não tem? É aquele garoto de Packard que você conheceu num jogo de hóquei, não é?

Fui até ela e arranquei o telefone de sua mão.

– Não, não é aquele garoto de Packard – respondi, enfiando o celular no bolso traseiro da calça. – E ele não me deflorou, o que, aliás, é a coisa mais nojenta que você já disse.

– Nojenta? – Sylvia perguntou, cerrando os punhos e apertando-os contra o peito, enquanto piscava várias vezes. – Perder a virgindade é algo lindo. Ah, minha menininha...

– Sylvia, chega! – gritei. – Só porque você é uma vadia, não quer dizer que todo mundo tenha que ser igual.

Eu me ouvi falar isso e mal acreditei que tinha dito.

– Vadia? – Sylvia reagiu como se eu tivesse lhe dado um tapa. – Que legal. Valeu, amiga.

O pior é que era verdade. Sylvia havia dormido com nove garotos desde que perdera a virgindade, na sétima série. Na maior parte do tempo, agia como se não ligasse. Mas eu a conhecia. Era sua melhor amiga. E Sylvia podia me dizer coisas cruéis o tempo todo, mas nem por isso era capaz de aguentar o troco na mesma moeda.

– Você sabe que não falei por mal – expliquei. – Eu só... realmente não quero que você “fique me zoando” por causa disso.

– Eu não estava “zoando você” – Sylvia disse, cruzando os braços, indignada. – Mas não acredito que esteja saindo com um cara e não tenha me contado. Eu conto *tudo* para você.

– Ele é só um amigo – insisti, e Sylvia revirou os olhos. – De verdade. Nunca nos encontramos ao vivo.

– Como assim?

– Ele também se inscreveu naquele programa de verão em Princeton – expliquei, já me preparando para a reação de Sylvia. – Trocamos e-mails, mensagens de texto e tal. Só isso.

– Só isso? – Sylvia ficou de boca aberta. – Você anda trocando e-mails com outras pessoas que se inscreveram naquela convenção de *nerds*?

– Não. – Revirei os olhos. – O Ben foi o único que me escreveu. Acho que ele conseguiu os nomes das outras pessoas de Nova York que se inscreveram.

– A-hã – Sylvia murmurou, com um meio sorriso. – Quer apostar quanto que ele não anda escrevendo para nenhum dos meninos da lista?

O pior é que, no início, eu realmente meio que torci para que Ben e eu acabássemos nos envolvendo. Nunca conseguira me abrir com um garoto como aconteceu com Ben e comecei a pensar: “Nossa, enfim aconteceu. Quer dizer que não sou tão esquisita. Eu só tinha que conhecer o garoto *certo*.” Mas foi como se Ben tivesse lido a minha mente, porque no dia seguinte me contou que é gay.

– Sylvia, chega. – Eu estava começando a ficar furiosa. Ela nunca era capaz de deixar um assunto morrer. – Sério.

Eu poderia ter contado para Sylvia que Ben era gay naquela hora. Provavelmente isso teria encerrado a conversa. Mas, no fundo, gostava de deixá-la pensando que ela não sabia tudo a meu respeito.

– A-hã. E onde é que esse tal de Ben estuda?

Parecia que ela *poderia* considerar Ben um amigo adequado para mim,

desde que atendesse a certos critérios. Como frequentar uma escola aceitável. Para Sylvia, Packer, Trinity e St. Anne's estavam aprovadas. Mas todo mundo de Collegiate e Dalton era babaca – o que queria dizer que ela havia dormido com mais de um garoto dessas escolas e levava um fora.

– Ele estuda numa escola pública, em Albany.

– Ele mora em *Albany*? – Sylvia reagiu, como se eu tivesse dito que ele tem herpes. – Você não pode estar falando sério. Isso nem conta como Nova York. Nem acredito que você vai ter, tipo, um romance à distância com um mané de *Albany*.

– Pela última vez, Sylvia, somos só amigos! – gritei. – Por que não posso ser só amiga de um cara e ficar por isso mesmo? Talvez eu nem queira ter um namorado.

Só depois que as palavras saíram da minha boca percebi como eram verdadeiras.

Duas semanas depois, eu ainda não queria um namorado. E não havia nada de errado com o fato de uma garota de 15 anos não querer um. Como Ben dissera, não havia nada de errado *comigo*. A loucura de Sylvia por garotos não mudava isso. *Ela* é que tinha um problema. Não eu.

– Sylvia, pela milésima vez, o Ben é meu amigo – falei, parando no pé da escada da entrada de Grace Hall para responder à mensagem dele. – E, como eu também já disse mil vezes, ele é *gay*, lembra?

Àquela altura, eu já tinha contado. Ela havia me infernizado demais com tudo aquilo para não contar.

– Vou fechar o portão em trinta segundos! – Will gritou.

Mas Sylvia tinha razão: eu podia me atrasar. E, se não respondesse para Ben agora, não poderia responder o dia inteiro. Comecei a digitar. Sylvia bufou e então começou a subir os degraus. Estava com ciúmes. E, em parte, com razão. Não é que eu gostasse *mais* de Ben do que dela – Sylvia sempre seria minha melhor amiga –, mas às vezes era muito mais fácil ser amiga dele.

– Por causa *dele* você se atrasa, né? E ainda acha que *eu* é que ponho os garotos acima de você – Sylvia reclamou, balançando a cabeça enquanto marchava. – Até mais tarde. Talvez depois você tenha mais tempo para mim e o meu drama chato por causa do Ian. Aliás, aposto o que você quiser que esse tal de Ben não é gay. Mesmo se ele mandar uma foto transando com outro cara.

Sylvia se esgueirou para dentro da escola no momento exato em que Will soltou o portão. Eu o vi se fechar. Agora não havia mais pressa alguma. Eu estava oficialmente atrasada, o que, de uma forma meio peculiar, era libertador.

Vlw. Não sei o q eu faria sem vc.

Apertei Enviar e esperei.

Quando meu telefone tocou de novo, olhei para ver o que Ben tinha respondido. Mas a mensagem não era dele. Era de um número bloqueado.

“Grande gramado” do Prospect Park, 15h. Esteja lá. Mas é só para aves de um mesmo bando. Venha sozinha ou não venha.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br